DIRECTOR ★ A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL O. MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO ★ C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)

25 DE ABRIL DE 1962

Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Técnicas de Acção Educativa

pelo I. Q. G. Silveira Romos

Já se ouve através da planície um barulho imenso que vem de longe e se aproxima como medonho furacão. A cavalaria castelhana avança ameaçadora e dentro em pouco vai parar sobre a resistência portuguesa, como cilindro esmagador.

Deu-se o choque. Dentro em pouco o poderoso inimigo era desbaratado e perseguido.

Mas a vitória não surgiu por encanto — foi preparada com serenidade, coragem, amor pátrio e conhecimento táctico.

Nun'Álvares dispunha de forças que não podiam resistir ao inimigo. A necessidade aguça a inteligência, particularmente, quando se encontra com o génio.

Mandou formar em quadrado e cravar no solo as lanças obliquamente, sustentadas, firmemente, pelos seus homens. Por detrás estavam os besteiros e os fundibulários, prontos a lançar setas, viratões e pedras, quando os cavalos inimigos ficassem espetados nas lanças portuguesas. Depois de tudo preparado, com ordem, com método e a tempo, Nun'Álvares dirigiu umas palavras aos seus homens, foi para junto da bandeira, ajoelhou e rezou no que foi acompanhado por todos.

Os portugueses venceram — tudo correu como Nun'Álvares tinha previsto. Nun'Álvares vencera a sua primeira batalha — A BATALHA DOS ATOLEIROS.

Este dia glorioso — 6 de Abril de 1384 — é rico de ensinamentos quando nos dispomos a pensar nele, não com aquela atitude mental, passiva e cómoda, de querer ver apenas o passado, mas com a disposição firme de se **valorizar** com a lição, para depois a **projectar**, na própria vida, **ajudando** a continuar Portugal.

Nun'Álvares associa Deus à vida prática, como aliás terá de fazer todo aquele que queira viver o conteúdo da Mensagem Evangélica. E o nosso povo, na sua filosofia prática, tem este provérbio — fia-te na Virgem e não corras e verás o trambolhão que levas. Quer dizer, precisamente que a oração sem a acção de nada serve.

Nun'Álvares rezou mas tudo deixou preparado, prèviamente, de modo que no momento oportuno nada falhasse na sua contribuição para a vitória. Se o inimigo era poderoso ele havia de vencê-lo, aplicando a técnica adequada para o conseguir.

O seu amor pátrio, **vivido em plena verdade**, comunicava-se aos seus soldados de modo a que a hoste era uma alma só, vibrante sob o olhar do herói.

Quantas lições se poderiam tirar desta Batalha?!

Nun'Álvares triunfou, porque empregou uma técnica de acção; sem ela não poderia enfrentar tão poderosas forças.

A Educação Nacional também tem de vencer e só o poderá fazer através de conhecimento dos problemas educacionais, não vividos de maneira vaga, mas através de uma técnica de Acção Educativa.

No sector M. P. temos a técnica da Acção Educativa conhecida pelo nome da educação do rapaz pelo rapaz.

Temos muito que fazer, ainda, **para realizar bem.** E, nesta contínua luta pelo concreto, contra o vago, quem bem a quiser realizar deve considerar vários aspectos. Focarei quatro:

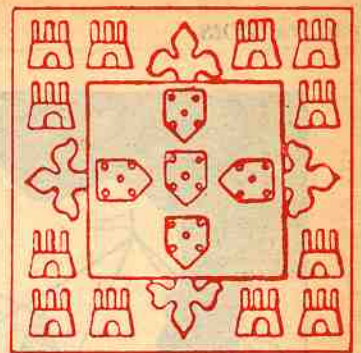
a) A vida da quina
b) A técnica dos pequenos grupos
c) A educação de si mesmo
d) Binómio Dirigente-Graduado

A VIDA DA QUINA exige que o Comandante de Castelo compreenda e saiba pôr em prática o estilo M. P. no que se refere ao chefe de quina — **que é o responsável activo pela sua Quina.**

Para isso torna-se necessário que forme com os seus Chefes de Quina uma Quina também; que se reune com os Chefes de Quina, semanalmente, para preparação da sessão seguinte de Actividades Gerais e conhecimento do que se passa nas Quinas; que dê aos Chefes de Quina uma superioridade em Formação e Técnica que os imponha, **naturalmente,** como Chefes.

A TÉCNICA DOS PEQUENOS GRUPOS exige que cada graduado actue sobre um grupo relativamente grande através de grupos pequenos. Assim, explicando, se o C. C. tentar actuar sobre os trinta filiados do seu castelo, em Formação e Técnica, sem ser através dos seus Chefes de Quina, o que infelizmente se verifica muitas vezes — mas é contra o estilo da vida M. P. — as actividades terão baixo rendimento, os C. Q. ficarão nivelados com os outros filiados, o C. C. não formará os seus Chefes de Quina, a educação do rapaz pelo rapaz não terá existência real.

Outro exemplo — se o Comandante do Grupo encontrar que no seu Grupo uma Quina, ou alguns dos seus elementos, não estão procedendo bem, erra dentro da técnica dos pequenos grupos se não chamar a atenção, para o

(Continua na 4.ª página)

SERVIR

Quem vive e sente o ideal da M.P. tem a nortear-lhe a acção, a orientar-lhe toda a actividade, uma forte e inquebrantável vontade de servir.

Se sempre foi difícil abraçar este ideal que tanto exige, que a tanto obriga, hoje mais que nunca se torna custoso vivê-lo em toda a sua plenitude mas nunca, como agora, foi tão necessária a sua vivência consciente no espírito do Homem.

Nada há de mais belo do que ver os jovens do nosso tempo cônscios da responsabilidade que sobre eles pesa, esquecidos dos interesses próprios, numa doação plena, numa dádiva total e generosa, guiados pela luz dos ideais superiores viverem com sincera abnegação a sua hora, servirem heròicamente em todas as frentes.

Servir! esquecidos de si, pensando no próximo, alheios a comentários, mas ouvindo a sua consciência, aceitando as contrariedades, não recuando perante sacrifícios, caminhando sempre em frente, sem se preocuparem em saber se são muitos ou poucos os que militam a seu lado, mas atentos a saber se são bons, ou maus, fiéis ou traidores, leais ou cavalos de Tróia.

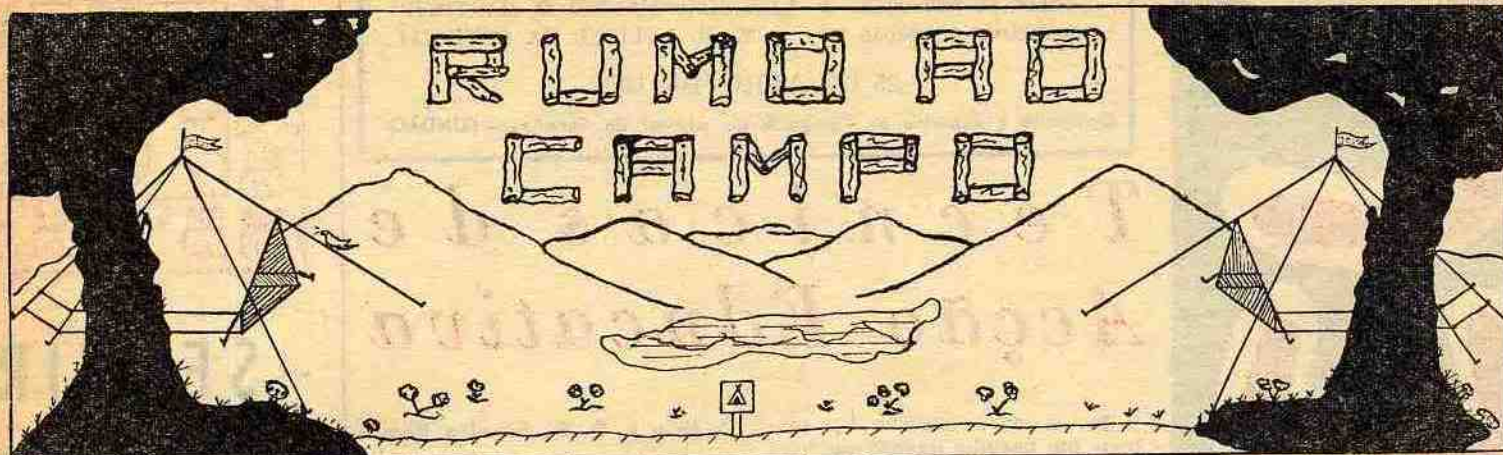
Graves ameaças pesam sobre Portugal; já correu muito sangue, sangue inocente de crianças e mulheres, sangue de combatentes que deram a vida de armas na mão pela grandeza e continuidade da Pátria.

É a hora de Servir! Mas Servir, sem outro pensamento que não seja lutar e vencer os inimigos que levaram a guerra à terra portuguesa.

Outro pensamento, outra actividade só pode ter um nome — Traição!

Que em Portugal só haja portugueses, uma só bandeira, um só sentir, um só querer!

Que nesta hora de luta todos saibamos servir e a tempestade passará para dar lugar à paz que ambicionamos, a paz que com a graça de Deus há-de reinar em breve em toda a terra lusitana.

L. C.

Cá estamos de novo, prontos a dar alguns conselhos que julgamos oportunos, e que são seguimento do tratado no pretérito número da Chama, acerca do material a usar nas expedições de campo.

TENDA CANADIANA

Depois de estudada a sua nomenclatura, passamos a referir a maneira como é armada e as condições a que deve obedecer a operação a efectuar.

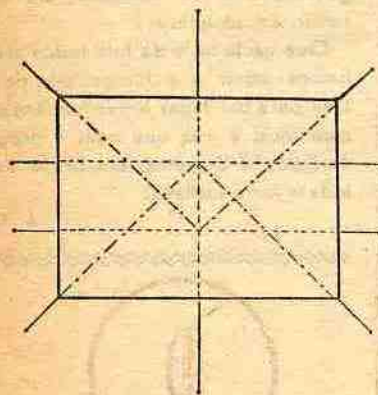
Para que uma tenda fique devidamente armada, temos em primeiro lugar que atender à espécie de terreno, para o qual devemos ter em atenção que deve ser seco, se possível arenoso e coberto de mato rasteiro.

Em primeiro lugar, estende-se o pano de chão, que deve ficar esquinado pela parte da rectaguarda contra o vento, visto ser essa a posição ideal da tenda, em virtude de oferecer o menor alvo possível à acção do vento.

Depois de colocado o pano de chão na posição correcta, fixa-se a tenda, fechada com as estacas de interior, ao pano de chão e ao solo.

Finda esta operação, procede-se à abertura da tenda, de maneira a permitir a colocação dos mastros no seu lugar. Em seguida, esticam-se as espias de topo e laterais, sendo estas menos esticadas que aquelas, para que a flexa fique acentuada o menos possível.

Para proceder à operação de esticar as espias, devem-se fixar as mesmas no solo, com as estacas de exterior, que devem ficar cravadas obliquamente ao solo, com um ângulo aproximado de 45 graus, na direcção de fora e regular a tensão das espias no cursor.

Após isto, deve-se corrigir a posição das espias, de modo que a tenda fique sem rugas e direita. (fig. 1)

Pronto rapazes, estais agora mais aptos a rumar ao campo, na senda do belo e do desconhecido. Ide e acampai, pois podereis ter a certeza que quem acampou, acampará. Organizai os vossos bivaques de quina de acordo com os Directores dos vossos centros. Requisitai o material e estimai-o pois com ele podereis operar maravilhas.

Agora que sois campistas, resta-nos dar-vos as BOAS VINDAS e pedir-vos para divulgar a modalidade, pois muito e muito há que divulgar, que ensinar, que chamar a atenção, que impedir até, para que o nosso velho ideal — CAMPISMO PARA MUITOS MAIS, CAMPISMO PARA TODOS—não se perca. Só assim podemos ter a certeza de que o futuro do Campismo ficará assegurado, pois justamente dos novos e incipientes adeptos de hoje é que se hão-de formar TAMBÉM — e para isso podem contar connosco — conscienciosos, competentes e futuros CAMPISTAS.

NOTICIARIO

Em O. S. n.º 12 do C. Nacional, foi nomeado o A.Q.G. Dr. Fernando Bernardo Panarra, Director do Centro Especial de Sky e Montanhismo, cargo em que sucedeu ao Sr. Subdelegado Regional da Covilhã, Eng.º Ernesto de Campos Mello e Castro.

Espera-se que com o advento duma nova Direcção possamos ver em actividade o referido Centro depois do marasmo provocado pela falta de instrutor.

Igualmente chegou ao nosso conhecimento, a proposta de dois instrutores para o mesmo Centro, Srs. Francisco Bernardo Gíria e António Coelho Antunes, respectivamente nas actividades de Montanhismo e Sky.

Como conhecemos bem os referidos propostos, aguardamos ansiosamente a sua nomeação, pois cremos nas suas reais qualidades, capazes de dar bom caminho à tarefa que se lhes imputa.

Na 1.ª semana do período de férias Pascais, bivacou na Vila de Belmonte e no interior das muralhas do seu vetusto castelo, uma quina do C. E. n.º 2, sob o comando do C. C. Rolão Bernardo. Segundo notícias chegadas até nós, portaram-se condignamente, pecando talvez por um excesso de cerimonial ,desculpável até certo ponto, como o afirma certo dirigente da nossa Ala ao afirmar que OS FILHOS SAEM SEMPRE AOS PAIS.

Realizar-se-á na 1.ª quinzena do próximo mês de Maio, um Acampamento de fim de semana do Centro Escolar 2, no Castelo de Belmonte, integrado no ciclo de actividades de campo a levar a efeito pelo Centro. Aguarda-se com grande espectativa essa realização, que virá marcar mais um passo em frente no propósito em que nos empenhámos de tentar conduzir por todos os meios a massa juvenil, RUMO AO CAMPO.

ECOS DO MEU TEMPO

Corria serenamente o Ano de 1949 naquele pequeno liceu, de nome Heitor Pinto, onde o 1.º Ciclo marcava o máximo de cultura que os alunos pod'am auferir sem se ausentarem da Casa Mãe. Era seu reitor e director do Centro da M. P., o Sr. Dr. Joaquim Augusto Vasco que tinha como adjunto de Instrução o Prof. de Educação Física, Sr. Joaquim Crespo de Carvalho.

Pensou um dia a Comandante de Centro, C. C. Gaspar, realizar um acampamento de Centro, para estrear o material de campismo recém adquirido pelo Centro.

Se bem o pensou, melhor o realizou. Desta maneira escolheu-se o local, e com o patrocínio do Director do Centro e seu Adjunto, tomou forma o que seria o 1.º Acampamento do Centro Escolar n.º 2 da Covilhã. Lá estava o local da Sr.ª do Carmo à nossa espera, naquele dia de Maio, ensolarado, depois de uma marcha de 10 Klms. em que bastantes peripécias aconteceram.

Chegados e arrumados, procedeu-se acto contínuo à operação de mastigação das merendas destinadas ao jantar desse dia.

Recordo com saudade, algumas das presenças nesse acampamento, estando além do Sr. Prof. Joaquim Crespo, do C. C. Gaspar, o Calhau, o Periquito, o Sancho Pança, o D. Quixote, o Zé Borrata, o Grão de Bico, o João Ratão, o Cunha Leal, o Tareco (este vosso amigo) e muitos outros que não preciso de momento.

Comidos e descansados, realizámos a Chama, em que cantámos, dançámos, e outras tantas coisas, próprias das Chamas. Acabada esta, recolhemos às tendas, prontos a passar uma noite tão tranquila quanto possível.

Ouviu-se o toque de silêncio, com o qual nada se conseguiu, mas uns berros bem timbrados por parte do Prof. Crespo, logo aquietou a malta, que resolveu passar pelas brasas e assim o silêncio desceu sobre o acampamento.

....

....

Seriam duas horas da manhã quando se ouviu um tiro, seguido duns ruídos ultra-sónicos.

PUUUUUMMMMM

Suspense. Todo o mundo deitou a cabeça de fora. Que teria acontecido?

— Que foi ó Calhau? — Indagou o Prof. Crespo, pois era o Calhau o encarregado do 1.º Turno de vigilância da noite.

— Fui eu que disparei sobre um lobo que queria ir «chupar» os mantimentos. — Respondeu o Calhau.

— Por este ganir que eu oiço, deveria ser UM GRANDE LOBO MEU MAMARRACHO. —Retrucou o Prof. Crespo. — Vai agora dormir que isso passa.

Acabado este diálogo, voltou a quietude ao acampamento, não sem se ouvirem ainda ao longe uns ganidos de dor.

CAIM, cain, c a i n, c a i...

....

....

Rompeu a manhã, airosa e solarenga.

Depois de um desjejum confeccionado pelo Calhau, fomos até ao Teixoso, assistir à Missa e apreciar a paisagem. Ainda não tinha chegado o advento das Missas na Sr.ª do Carmo.

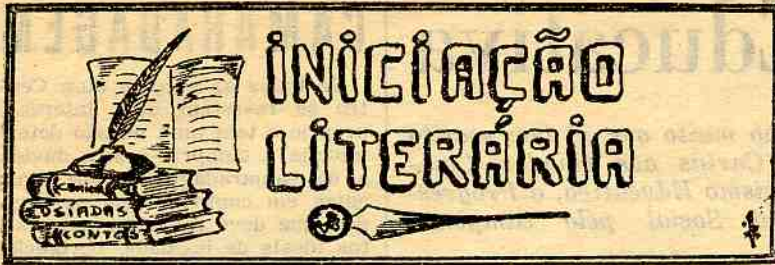
Regressados que fomos, rumámos para o Almoço que compartilhámos com alguns professores do Liceu, entre os quais recordo o Sr. Dr. Matos e Rosa Soares, bem assim como o Ex.mo Director do Centro e se a memória não me atraiçoa a Sr.ª Dr.ª D. Judite Fitas, já então Subdelegada da M.P.F., nos deu o prazer da sua visita.

Que rico caldo verde e que saborosas estavam as batatas com bacalhau.

Toda a gente saboreou e repetiu o pitéu, não regateando elogios aos cozinheiros Calhau e Santarém (cozinheiro aquele e provador oficial este).

Foi uma rica jornada aquela, em que pela primeira vez nos pusémos em contacto com a Natureza, contacto esse que se tem mantido pelos anos fora até aos nossos tempos em que dado o progresso havido, não são só contactos mas perfeitas comunhões.

Está na vossa mão, rapazes, não permitir que tal acabe, pois com o decorrer do tempo, outros Calhaus, Periquitos e Tarecos, aparecem e dão vida e sabor a um verdadeiro dia de acampamento.

B.

CONTO

A. C. C. António Reis Pedroso

Noite límpida de Janeiro. A lua com seus raios brilhantes iluminava toda a terra envolta em trevas. Uma geada fina matizava a natureza com seus cristais multicolores. As árvores estavam despidas da sua gala. Por entre esta poética paisagem surgiu lá ao longe uma luzinha trémula, tão trémula que parecia querer desafiar o vento rígido e agreste que soprava. Por dentro o murmúrio incessante dos riachos agora transbordantes ouviam-se ao longe gritos angustiosos, gritos de morte que penetravam o mais íntimo do coração. Qual o mistério que envolvia esta noite que parecia tão calma?

Com passos incertos, como incerta foi sempre a minha vida, dirigi-me para o local donde surgiam os choros, impulsionado por uma força estranha que eu não sei explicar. Corri montes, vales, montanhas. Atravessei regatos que reflectiam nas suas águas a minha miserável figura. Todavia os gritos pareciam fugir de mim à medida que eu pretendia localizá-los. Finalmente quando menos o esperava surge ante meus olhos uma cabana térrea, coberta de colmo, qual jóia perdida na imensidão duma floresta.

Entrei. Num leito de folhas secas jazia uma jovem de cabelos louros delirando com a febre. A seu lado uma velhinha, debruçada sobre ela, chorava amargamente a sua infeliz sorte. Fiquei impressionado com semelhante quadro e sem nada dizer saí apressadamente. Nem uma nem outra dera pela minha presença tal era a angústia que reinava naquela casa.

De novo contemplei o Céu. A lua parecia já não ser tão brilhante e as estrelas trémulas pareciam também comovidas com tamanho sacrifício.

Pus-me a caminho fugindo não sei de quê, andando não sei para onde. As pernas tremiam-me, as forças faltavam-me. Com grande esforço consegui reunir todas as minhas forças e continuei a avançar. Mas que ia eu fazer ? No momento não sabia. Corri a uma povoação, chamei um médico e este a muito custo conseguiu curar a doente da cabana.

Agradeci a Deus a sua bondade. A jovem quando me viu começou docemente a sorrir... e eu de repente acordei. Tudo tinha sido um sonho duma noite de Inverno.

DEVANEIO

Música...
O espírito vagueia por regiões de sonho,
cresce brando, abarca o mundo.

Rodopios de amor e irreal
com uma forma doce e vaporosa.

Regiões luminosas, suaves...
O peito cheio de ternura
transborda felicidade.

Música...
Bailo sempre em rodopio
pelo tempo,
pelo espaço sem fim...

Alberto Branquinho
(A.C.C.)

soneto

Quando o vento fustiga as rochas duras
Quando a neve cobre toda a terra
Eu admiro as tuas belezas puras
E adoro a tua altivez, ó Serra.

Quando os rebanhos vão com o pastor
Tilintando por entre as penedias
Por ti eu sinto mais que o amor
Por ti eu sinto mais que alegrias.

Eu gosto de te ver tocando os céus
Quase de mãos postas louvando a Deus
Cantando e gritando o seu louvor

Eu gosto de te ver bela e mesquinha
Sabes porquê? Ninguém adivinha
É que partilho contigo a minha dor!

António Reis Pedroso (A.C.C.)

29/3/1962

Lenda do Lobo Matreiro

No arquipélago... existia uma ilha pequena mas rica, independente do governo geral, graças a uma poderosa armada que possuía desde tempos remotos.

O governador do arquipélago preparou o seu exército e apresentou ao rei da ilha uma proposta pela qual, a ilha pediria a sua independência se não entregasse livremente a armada que possuía.

O rei desprevenido pensou então no problema que se lhe apresentava e tratou da situação em conselho com os seus ministros.

Quer perder a independência, quer ter que renunciar à armada que lhe fora legada pelos seus antepassados eram coisas que ele não cederia de ânimo leve.

Um dos seus ministros era um homem sábio que costumava aconselhar o rei e toda a gente que se lhe dirigisse, contando engraçadas histórias, cuja moralidade era sempre proveitosa às questões que lhe apresentavam.

No dia em que o conselho se reunira, o referido ministro, com muita calma e espírito lembrou-lhes um velho conto, que aconteceu há séculos numa serra distante.

Era esta habitada por um rebanho de ovelhas, que viviam com um cão, seu amigo e defensor, e um lobo matreiro, que queria à viva força matá-las para fazer delas uma deliciosa refeição.

Um dia em que conseguiu apanhar uma ovelha saltou-lhe em cima e quis comê-la. A pobrezinha assustada pede clemência ao lobo e combinaram que para lhe poupar a vida e de todas as outras ela lhe entregaria o fiel cão. Cumpridora, entrega ao lobo o seu protector convencida, que, embora perdendo um amigo, pouparia assim a vida das suas irmãs e a sua.

Tal porém não aconteceu; mal o lobo teve em seu poder o cão matou-o e ficou com o campo livre para saciar o seu instinto.

Sòzinhas e sem protecção cada uma foi caindo nas garras do lobo.

Não foi preciso ao ministro dizer mais nada, nem ao rei ouvir mais conselhos.

Reuniram as suas forças e corajosamente lutaram para salvar a armada e a independência, pois entregando uma perderiam imediatamente a outra.

Maria da Glória Paisana

Técnicas de Acção Educativa

(Continuação da 1.ª página)

facto do Comandante de Castelo e se dirige directamente aos elementos da Quina, passando por cima dele e do Chefe da Quina.

A EDUCAÇÃO DE SI MESMO é também um dos fundamentos do estilo da vida M. P.. É preciso viver-se, **inteiramente**, o 1.º Preceito do Bom Filiado que diz — «o Bom Filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias da Vontade».

Repare-se bem que, geralmente, quando se fala de educação se considera a existência de um educador e de um educando. Nós insistimos na auto-educação. Mas é preciso que se vivam os nossos princípios. Não se vivem só pelo facto de se conhecerem; vivem-se porque, conhecendo-os, se realiza o **esforço da Vontade** que eles implicam. O Comandante de Castelo terá de os viver, para depois actuar pelo exemplo — a melhor das lições. O Comandante de Castelo terá de os fazer viver chamando para eles a atenção. E isto muitas vezes, porque têm de passar para o subconsciente pela **formação do hábito.**

O BINÓMIO DIRIGENTE-GRADUADO tem de actuar. Seria pueril imaginar que a «educação do rapaz pelo rapaz» se podia fazer sem o Dirigente. Se isto é assim, estão aqui expostos assuntos que podem servir para estimular e amparar os nossos graduados.

Que a «Chama» continue por muito tempo a sua missão de **valorizar** o Homem Português, — objectivo da Formação M. P.!

Tanto a Doutrina como a Técnica de Acção precisam como as Chamas dos nossos Acampamentos de ser constantemente alimentadas.

O Director de «Chama» e a sua equipe estão prestando à causa da Educação Nacional e à Nação um precioso serviço, que vim a conhecer através do nosso camarada C. B. Miranda Garcia.

Disse um dia Elisabette Leseur — cada aluna que se eleva eleva o mundo. Chama assim a nossa atenção para o facto de que, por pouco que uma pessoa sòzinha possa fazer, esse pouco é útil ao **Todo.**

E nós poderíamos dizer, ao aumentar a nossa cultura e ao realizar a nossa actuação, de acordo com ela — CADA PORTUGUÊS, QUE SE VALORIZA, VALORIZA PORTUGAL.

N. R. — *O Sr. Dr. Silveira Ramos, de que «Chama» se honra de publicar hoje um artigo pleno de objectividade e de amor aos jovens, é um dirigente da primeira hora.*

Espírito juvenil, formação de uma extraordinária profundidade, pedagogo de raras qualidades, o Inspector Silveira Ramos é, sem sombra de dúvida nem favor, um dos mais profundos pensadores da Mocidade.

A sua já longa luta nas nossas fileiras pode avaliar-se, anda que sumàriamente, no muito que já tem escrito (Cartas aos filiados, Campismo Educativo, o Progresso Social pelo campismo

I.C.G. Dr. Silveira Ramos

Educativo, Para ser um chefe), mas fundamentalmente através da obra diária a que, junto dos graduados, se entregou desde os tempos em que fundou a primeira casa da Mocidade, em Faro, dirigiu a Delegação Provincial do Algarve ou comandou a Escola Regional de Graduados do Algarve.

Dirigentes da sua estatura, infelizmente tão raros, fazem-nos acreditar na Mocidade.

Os "Antigos" na Redacção da "Chama"

Muitos dos nossos «Antigos» vieram estas férias de Páscoa passar connosco algumas horas, ajudando-nos nos trabalhos em curso, dando aqui e além um conselho ou um alvitre e revelando sempre o mesmo espírito de família que nos liga a todos nós.

Pela nossa Redacção passaram o Mário Pinheiro, o Luís Bonina, o Paulo Proença, o Jorge Bruxo e o Luís Plácido que quase, diàriamente, nos traziam a sua presença amiga.

A todos muito agradecemos, a todos desejamos muito sinceramente as maiores felicidades nos exames que se aproximam.

CAMARADAGEM

Se todas as secções dum Centro se revestem dum interesse próprio e tem uma missão determinada a cumprir é sem dúvida a de camaradagem a que mais entra em contacto com os filiados, que deve fomentar neles altos ideais de lealdade, obrigação e dedicação pelos companheiros.

Mal vai dum Centro onde a palavra Camaradagem é uma palavra sem sentido, onde se vive alheado da primeira ocupação, do primeiro fim que deve nortear toda a acção — fazer do Centro uma família, onde no esquecimento de nós próprios tomem realce as preocupações, os anseios e os problemas alheios. Pensar nos nossos colegas, viver com eles e ajudá-los nas horas difíceis levando-lhes com a nossa presença uma palavra de ânimo, de esperança e de conforto é a alta missão a cumprir pelo chefe da Secção de Camaradagem, bem mais importante que organizar festas ou passeios.

O ambiente dum Centro depende muito da forma como actua a Secção de Camaradagem por vezes tão mal compreendida nas suas finalidades.

Um filiado pode saber muito de tudo, ser competentíssimo em mil matérias se faltar o espírito de camaradagem, base sólida em que devem assentar os mais ideais, será um filiado incompleto ao verdadeiro ideal da M.P.

A Secção de Camaradagem compete, igualmente, em directa colaboração com os dirigentes fomentar intercâmbio entre os diferentes Centros despertando, assim, uma maior ligação entre todos. Dentro desta conduta tem merecido jus a ser destacada a acção do nosso Delegado Distrital e Director de Centro que apoiaram desde a primeira hora as visitas de camaradagem entre os Centros Escolares n.ºs 1 de Castelo Branco e 2 da Covilhã.

No próximo mês receberemos a visita dos colegas albicastrenses que pensamos retribuir em Junho.

O alcance destes contactos é bem notório para que seja necessário dar-lhe realce.

Que a tradição se não quebre são os votos do chefe da Secção de Camaradagem deste Centro, para que de ano a ano para além da separação que divide estas duas Alas se crie e floresça uma colaboração sincera, uma amizade que faça vibrar em todos os corações um só ideal e uma só fé: A M.P. e Portugal.

Proença Mendes — (C. C.)

Solução das palavras cruzadas

Horizontais — 1—Rato; sala; 2—latrina; 3—má; laico; pó; 4—ali; ala; 5—ser; mói; mim; 6—Ruga; rias; 7—ata; lia; I.S.A.; 8—ré; ar; 9—mi; podam; Rá; 10—armónio; 11—cão; ali.

Verticais — 1—Arma; 2—alertei; 3—al; iria; A.C.; 4—tal; pra; 5—Ota; mal; Omo; 6—rico; iodo; 7—sic; ira; Ana; 8—ano; mil; 9—lá; amai; oi; 10—plissar; 11—coam; arar.

SOLUÇÃO DO TESTE

A frase é francesa, de Pascal, e portanto é *coeur* e não *corazon*, que é espanhol.

LUTAREMOS PELA CONTINUAÇÃO DE PORTUGAL

Em representação dos filiados da divisão de Lisboa que ofereceram ao Senhor Ministro do Ultramar uma colecção de livros para serem distribuidos nas nossas províncias ultramarinas falou o C. B. Jorge Baptista Bruxo, nosso antigo chefe da secção de camaradagem e que neste centro prestou relevantes serviços.

Temos pena de não poder arquivar na íntegra o seu discurso, espelho de sua alma de português e de graduado. Não resistimos, porém, à tentação de transcrever alguns passos.

«Faz pouco mais de um ano que a Pátria Portuguesa começou a ser alvejada e duramente ferida na sua essência de país uno, pluri-racial e pluri-continental. A voz de comando que deu início a toda esta tragédia que veio alterar o espírito pacifista e ordeiro em que tranquilamente se vivia em Portugal partiu de tribunas da Casa das Nações, ditas, Unidas.

Os descarados roubos de Goa, Damão e Diu, bem como do Forte de S. João Baptista de Ajudá foram, com evidência, um desrespeito das normas essenciais de Direito Internacional até aqui respeitadas por quantos se diziam civilizados e conhecedores de um mínimo ético em que respeitando os outros se é mùtuamente respeitado.

Desrespeito, igualmente de carácter internacional são todos os actos de terrorismo de que foi alvo a Província de Angola. E disse desrespeito internacional porque é bem notória a influência exercida por certas potências, aliciando e ajudando dos mais variados modos, alguns indígenas a fim de que subvertendo a ordem pública lançem em Angola o descrédito das autoridades, criando, simultâneamente, um tal estado psicológico de desconfiança de uns perante outros que provoque um sucessivo abandonar da Província até que diminuindo as suas potencialidades de defesa ou transformada em região caótica, fosse fàcilmente dominável por aquelas potências que mais depressa e melhor agissem face às circunstâncias que ajudaram a criar. Mas Portugal, ante o circunstâncialismo que lhe foi imposto, mostrou ao Mundo a sua capacidade de decisão, defendendo aquilo que é seu e evitando assim que Angola se transformasse naquilo que o Ghana ou a Libéria representam para certas potências.

Portugal reagiu como devia proceder. De outra maneira era atraiçoar o **Portugal Português.** Ante o triste genocídio de que fomos vítimas, preferimos não arredar pé daquilo que legìtimamente nos pertence, mas antes fincados ao solo bem Português, morrer lutando que é mais digno que viver atraiçoando. Temos confiança, esperando que o futuro reponha no devido lugar aquilo que foi abalado, mas nunca ventos externos conseguirão derrubar. Pior que os ventos externos são todos aqueles que sopram do interior e que efectivados seriam pura e simplesmente a demissão interna, o alienar de direitos muito nossos em favor de outros que ràpidamente se saberiam apossar do vazio criado por tal acto.

Os soldados do Portugal Europeu acorreram a salvar o Portugal Africano. Facto importante e decisivo de todos os eventos sucedidos ou a suceder. Mas movimento deveras não inferior, foi a consciencialização nacional traduzida na boa vontade de todos os portugueses dignos, que frutificando na altura exacta, permitiu que aos soldados fossem enviadas recordações e objectos que são para eles da máxima utilidade, permitiu enviar ambulâncias e socorros que fossem auxiliar todas as vítimas do terrorismo, mitigando assim as desgraças que as atingiram. Este movimento de solidariedade nacional, é deveras consolador.»

A terminar disse, ainda.

«Senhor Ministro :

Quero saudar, pessoalmente e em nome do Corpo Distrital de Graduados, em V. Ex.ª o executor da actual política Ultramarina que fazendo face à guerra imposta, não cessa o fomento tão necessário ao desenvolvimento do Ultramar. Com V. Ex.ª posso seguradamente afirmar, estão todos quantos militam na M. P.. E estamos com V. Ex.ª porque tal se impôs à nossa mentalidade, porque compreendemos a grandeza de quem é o autor de tantas e tão benéficas medidas em prol das terras de Além-Mar. E, a propósito, permita-me Senhor Ministro afirmar que a união perfeita Metrópole-Ultramar, se bem que lançada para interpenetração de culturas e raças, se bem que atingindo um ponto deveras importante com a abolição do Estatuto do Indígena e com a anunciada criação do Mercado Único Português, no entanto só culminará com um maior intercâmbio e vivência conjunta de ultramarinos e metropolitanos, conseguida através de vários processos entre os quais me cumpre citar viagens de Ultramarinos à Metrópole e de Metropolitanos ao Ultramar de que estamos certos o Ministério do Ultramar sob a direcção de V. Ex.ª saberá estimular e mesmo favorecer.

Para finalizar concluo: Decididos com uma vontade verdadeiramente inabalável, pugnaremos sempre e em todos os lugares pelos direitos que nos assistem, pois fazendo tal, estamos certos que lutaremos pela continuação do Portugal dos nossos maiores!»

No dia 29 do corrente será inaugurada no salão de Turismo a exposição do «Cruzeiro Gago Coutinho» à nossa província de Angola.

Esta nossa iniciativa que tem despertado o maior interesse não só nos filiados como na cidade, é devida principalmente à acção do Director da «página do Ultramar» da «Chama».

Presidirá à inauguração o Delegado Distrital e estará presente o 2.º Comandante do Cruzeiro C.F. Luciano Duarte Calheiros.

NOTICIÁRIO

Pelo C. E. 1 de Castelo Branco

Pela ordem de Serviço de 1 de Fevereiro de 1962 foi nomeado Director do C. E. N.º 1 de Castelo Branco (Liceu) o A.Q.G. Dr. António de Campos Monteiro Romão.

Este nosso novo Dirigente licenciou-se em Histórico-Filosóficas e prestou serviço no ano passado no Liceu de Portalegre. Alferes miliciano esteve até há pouco no Batalhão de Caçadores 6 da cidade de Castelo Branco e, tendo passado à disponibilidade, foi colocado no Liceu da mesma cidade como professor eventual do quarto grupo.

A.Q.G. Dr. Monteiro Romão

O Director do Centro Escolar n.º 1 de Castelo Branco, teve a gentileza de saudar a seguir à sua posse os dirigentes e filiados do Centro Escolar n.º 2 da Covilhã fazendo votos para que se mantivesse sempre, no futuro, a colaboração que há muito tem ligado os dois centros estabelecendo entre eles grandes elos de amizade.

Ao agradecermos as palavras do Director do C. E. n.º 1 de Castelo Branco formulamos igualmente a mesma aspiração — que o tempo em vez de diminuir aumente cada vez mais as boas relações que unem os nossos Centros.

Felicitamos o A.Q.G. Dr. António de Campos Monteiro Romão esperando que encontre as maiores felicidades no cumprimento das funções de que foi investido.

Comunhão Pascal

No dia 21 de Março realizou-se na Igreja de Santa Maria Maior a desobriga colectiva dos alunos do Liceu.

Deve-se esta piedosa iniciativa à acção diligente dos professores de Moral, que foram incansáveis na cuidadosa preparação de tão solene acto da nossa vida espiritual.

Pelo número de presentes puderam suas Rev.as ver que a palavra caiu em bom campo pois só muito poucos deixaram de cumprir o preceito pascal.

«LUZEIRO»

Foi com a maior alegria que soubemos da nomeação do A.Q.G. Dr. António Monteiro Romão para Director do «Luzeiro», orgão do Corpo Distrital de Graduados de Castelo Branco.

O Dr. Romão sucede neste cargo ao nosso querido Amigo Dr. Malcata Julião.

Apresentamos ao Dr. António Romão sinceras felicitações.

Centro Especial de Sky e Montanhismo

Foi nomeado Director do Centro de Ski e Montanhismo o A.Q.G. Dr. Fernando Panarra, Dirigente desta Ala em Serviço na Casa da Mocidade.

A escolha do Dr. Fernando Panarra para mais este cargo veio confirmar a alta conta em que são tidas as suas qualidades e o mérito dos serviços que à Mocidade vem prestando desde os tempos de estudante.

O A.Q.G. Dr. Fernando Panarra que na sua qualidade de Director Adjunto da Casa da Mocidade é o maior colaborador na obra que aí tem desempenhado o seu Director A.Q.G. Dr. Leite de Castro está, actualmente, a dirigir o curso de Arvorados em comandantes de Castelo em que todos nós depositamos as mais justificadas esperanças.

«Chama» cumprimenta o Director do Curso Especial de Sky e Montanhismo e deseja ao seu grande amigo Dr. Fernando Panarra as maiores felicidades no desempenho do cargo para que foi, agora, nomeado.

MOVIMENTO

QUINAS DE RUMO AO CAMPO

Não se tendo realizado o acampamento distrital os nossos filiados das quinas de rumo ao campo acamparam durante os dias 12 a 15 de Abril no Castelo de Belmonte, sob o Comando do C.C. José Alberto Rolão Bernardo.

O nosso Director de Instrução, A.Q.G. Leite de Castro, acompanhado pelo Adjunto da Secção Desportiva, A.C.C. Fernando Jorge Ponces de Carvalho, visitou diàriamente o acampamento.

No dia 13 almoçaram com os filiados acampados o Presidente da Câmara de Belmonte, o Director do Centro e Esposa, o Director de Instrução, o nosso Chefe de Redacção, e o Adjunto da Secção Desportiva.

Esteve, igualmente, presente a esse almoço o C.C. Paulo Pais Nunes Proença, antigo comandante de Instrução do C.E. 2, que não quis deixar de levar aos nossos rapazes a sua palavra de entusiasmo e de apoio pelo seu empreendimento. O Director do Centro felicitou em ordem de Serviço o C.C. José Alberto Rolão Bernardo pelo êxito desta iniciativa.

III CURSO DE CHEFES DE QUINA

Frequentam, presentemente, o curso Infante D. Fernando 26 filiados.

As provas finais terão lugar no próximo dia 12 de Maio, realizando-se a 16 a imposição das insígnias não só aos nossos chefes de quina como aos do Centro Escolar n.º 1 de Castelo Branco (Liceu).

Esta cerimónia será presidida pelo Delegado Distrital.

CURSO DE ARVORADOS «MACIEL CHAVES»

A frequência deste curso, o primeiro ao nível da Ala realizado na Covilhã, é, actualmente de 10 filiados sendo 6 do nosso Centro:

C.Q. Eloi H. Cardoso Paiva
C. Q. João José Nogueira Francês
C.Q. José Luís da Fonseca Azevedo
C.Q. Walter Marques Jacinto
C.Q. Carlos Dâmaso Filipe
C.Q. Manuel Alegria Ribeiro

ACAMPAMENTOS

Belmonte — Os filiados do Centro acamparão nos dias 19 e 20 de Maio no Castelo de Belmonte.

Este acampamento que foi preparado durante a estadia no mesmo lugar das quinas de rumo ao campo está a despertar o maior interesse.

Senhora do Carmo — A 26 e 27 de Maio realizar-se-á o tradicional acampamento do Centro na Senhora do Carmo, Teixoso.

Para dirigir este acampamento nomeou o Director de Centro o A.Q.G. Leite de Castro e para Subdirector o A.I. José Fernando da Graça Bordadágua. O Comando foi entregue ao C. C. José Proença Mendes.

Homenagem ao sr. eng. Mello e Castro

Vai ser homenageado nos próximos dias 5 e 6 de Maio o Sr. Engenheiro Ernesto de Campos Mello e Castro, por ter completado 25 anos de serviço como dirigente da M. P. na direcção do Centro Escolar n.º 1.

À justa homenagem do seu Centro, irão associar-se o Governo, a Delegação Distrital e todos os Centros da Ala, sendo de esperar que Sua Ex.a tenha oportunidade de ver nesses dias o quanto é querido e estimado.

«Chama», deseja muito sinceramente que tão justa homenagem se revista do brilho de que é merecedor o Senhor Engenheiro Ernesto Mello e Castro.

CENTRO ESCOLAR N.º 4

Deu-nos a honra da sua visita o A.Q.G. Padre José Alfredo Antunes, Director do C. C. n.º 4 (Colégio de Nossa Senhora dos Remédios), do Tortosendo.

Sua Reverência teve para todas as nossas actividades palavras de muita gentileza e incentivo. Visitou a Redacção da Chama onde lhe foi oferecida uma colecção do nosso jornal.

PASSATEMPO
A.³ B.

Caras e casos do último número

(Ver o número 8)

2.ª PAGINA

O Delegado Distrital:

— Oh! Ó Senhor Chefe de Redacção então é assim que se escreve «inatingível»?

— Eu sei como é, mas agora não me lembro...

(Mais tarde disseram-lhe que se devia escrever com um g...)

3.ª PAGINA

Missão de Serviço

Ai Teixeira, estás tão magrinho! Trata-te rapaz, que estás aqui, estás numa carga de ossos!...

4.ª PAGINA

Leitura da O. de Serviço

O Rolão a «armar» aos cágados falando para a Emissora Nacional Desligada.

5.ª PAGINA

Primeira cena do «Auto do Bom Pastor». Diálogo:

— Ah Fausto!

— Que tens Silvano?

— Venho farto de rogar
tanta praga a tanto dano:
anda na volta de um ano
que subiram o preço ó vinho...

Última cena do «Auto do Bom Pastor»

O Pedroso, espantado:

— Como é que você foi parar lá acima?

14.ª PAGINA

Movimento — gravura que encima a Secção de teatro

A gravura documenta o encontro de Sócrates com Arquimedes depois de uma grande separação... E foi tal a emoção do encontro que Sócrates abriu os braços e exclamou:

— Ó pá! Dá cá um abraço!

ANEDOTAS

O ESPANHOL ENAMORADO

Exaltado um espanhol dirigia-se a uma portuguesa:

— Querida Antonia! Mia Antonia! Antonia mia! Antonia mia!!!

E ela:

— Miau!

Chegou um boi a um talho e com ar furibundo assentou ruidosamente as patas no balcão.

O talhante perguntou indignado:

— Que é que o senhor deseja?

E o boi naquela voz grossa que lhes é característica:

— Eu venho saber se foi aqui que chamaram vaca à minha mulher!

— Este nosso correio é mesmo um serviço desgraçado!

— Porquê?

— Lembras-te daquela carta que mandei ao meu compadre a semana passada.

— Sim. E depois?

— Encontrei-a hoje no bolso.

Chegou o Evaristo a casa, quando a sogra pálida e assustada lhe disse:

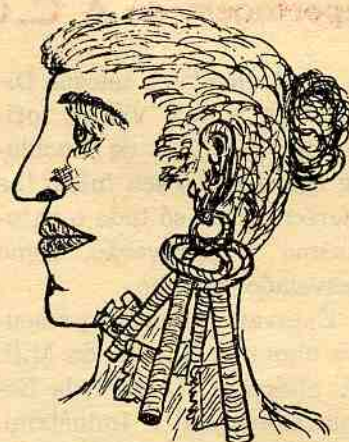
— Imagina que o relógio grande do corredor caiu e fez-se em estilhaços mesmo no sítio onde eu tinha estado havia um minuto.

Resposta do Evaristo:

— Eu sempre disse que o estupor andava sempre atrasado...

FRASE TESTE

Qual é o erro existente na frase seguinte:

LE CORAZON A DES RAISONS QUI LA RAISON NE CONNAIS PAS.

Três hipóteses a considerar:

— O porta-chaves do futuro.

— Mais uma excentricidade feminina.

— A mulher do carcereiro.

Poesia para inteligentes

O incravável

Quando as nuvens cairem
em turbilhões de espuma pelo céu acima
e as águas ferverem
em convulsões fantásticas,
quando os gatos cantarem
o fado à noite pelas esquinas,
quando houver peixes sem espinhas,
quando aparecerem lobisomens
dentro das caixas de fósforos,
quando os ovos forem a meio tostão a dúzia,
eu direi assim:
— És um gajo porreiro, pá!
Toma lá cinco paus
p'ra um maço de tabaco.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais — 1—Roedor; divisão duma casa; 2—Esgoto; 3—ruim; leigo; poeira; 4—acolá; fileira; 5—existir; tritura; pronome forma complemento; 6—golfo do mar Báltico; sorrias; 7—liga; estudava; colégio de C. Branco; 8 — acusada; atmosfera; 9—nota musical; desbastam; divindade egípcia; 10—instrumento musical; 11 — animal doméstico; lá.

Verticais — 1—Estimas; espingarda; 2—acordei; 3—prefixo de algumas palavras de origem árabe; caminharia; antes de Cristo; 4—Bigorna de ourives; contracção de preposição e artigo; 5—base aérea; doença; pó para lavagem de roupa; 6—abastado; produto de certas algas; 7—ipsis verbis; raiva; mulher; 8—espaço de tempo; um milhar; 9 — ali; estimai; ditongo oral; 10—franzir; 11—filtram; lavrar.

Nota: *Ver a solução noutra página.*

SE ALGUÉM QUISER AJUDAR...

depoimento colhido por Alberto Branquinho

Nasceu um novo conjunto. Mas não é mais um a juntar a tantos outros que tiveram tão curta existência. Pelo menos assim não pensam os rapazes que dele fazem parte. É um conjunto diferente dos que têm sido formados neste Liceu não só por isso, mas também por aparecer pela primeira vez um piano.

Basta citar como exemplo que, apesar dos trabalhos escolares, eles resolveram ter um e mais ensaios todos os dias, para se fazer ideia do entusiasmo de que estão animados.

Mas tudo isto não é para eles mais que uma distracção.

Por achar interessante este agrupamento, que afinal não é só agrupamento musical como também de camaradagem, pois é frequente encontrá-los juntos remoendo projectos (...), resolvi fazer-lhes umas perguntas que não deixarão de ter interesse para os nossos leitores.

Fui encontrá-los onde costumam ensaiar. Dois deles, o contrabaixo e o acordeon, escutavam e executavam a lição que estava a ser dada pelo sr. Professor Rosa Soares acompanhando-os ao piano. O viola com uma pauta de música em frente, exercitava-se e ali próximo o José Orlando sentado em frente de uma bateria improvisada, pensativo, sonhava talvez com uma verdadeira... (Eh, pá! Mas é tão cara!...)

O ensaio em conjunto ainda não tinha começado.

Eu já os tinha avisado da minha intenção e logo disseram estar prontos a responder.

— *Como nasceu o vosso conjunto?*

— Nós já há muito tínhamos a ideia da formação dum conjunto, mas foi a Festa do Patrono do Centro que fez com que ele nascesse mais depressa. Devemos, no entanto, salientar o apoio que o sr. Soares nos deu e, ainda, a colaboração que nos tem prestado ao longo deste tempo.

— *Um conjunto ao formar-se tem que fazer frente a um certo número de problemas relacionados com a aquisição de instrumentos, conhecimento de músicas, etc.. Todos eles estão resolvidos ou há, ainda, qualquer coisa mais a satisfazer?*

— A maior parte dos instrumentos, excepto o acordeon, são do sr. Soares, mas esta situação não se pode manter por muito tempo. Admitindo que se mantenha, a necessidade mais urgente é a compra de uma bateria para a qual o conjunto não tem meios. Por isso nós pedimos a ajuda das pessoas que se interessem por este género de iniciativas.

Quanto aos números musicais, pedimos, também, a todas as pessoas que acaso tenham composições modernas o favor de nos comunicarem para nós as copiarmos.

— *Que oportunidades tivestes de vos apresentardes em público?*

— Apresentámo-nos na Festa do Patrono do Centro, como já foi dito, e durante o Carnaval na Colónia Infantil da Montanha e o Grupo Instrução e Recreio.

— *Tendo o vosso conjunto já um mês de existência, o reportório aumentou. Quais são as composições que dele fazem parte?*

— Temos cerca de vinte números de vários géneros, sendo alguns deles «A Noiva», «Only you», «O Regresso», «Oh! Oh Rosi!», «Mucho, mucho», «Papá e a mamã», «Confidência» e a valsa «Skiando» da autoria do Sr. Soares.

— *Projectos para o futuro?*

— Projectos? Muitos!... Mas os que estão em primeiro lugar são a divulgação do nome do conjunto e a realização de um espectáculo com o fim de arranjarmos fundos.

Aqui fica o depoimento de cinco rapazes com vontade e aqui fica, também, aquela frase quase sempre lida e ouvida com um sorriso de indiferença:

— *Se alguém quiser ajudar...*

25 de Março de 62

A Subdelegada Regional da M.P.F. visitou a Casa da Mocidade

Reportagem do A.C.C. António Pedroso

Quarta-feira, 3 de Abril. Grande azáfama na Casa da Mocidade, que logo ao princípio da tarde acusava um movimento não habitual.

Na varanda viam-se lado a lado as bandeiras da M. P. e da M.P.F. que o vento fazia ondular suavemente.

Pouco a pouco começaram a chegar Dirigentes e filiados, membros da Direcção.

Com eles encontrava-se também a Senhora D. Maria Celeste Dias Gomes Panarra, esposa do Director-Adjunto e pelas 16h 30m chegou o Subdelegado Regional da M. P. Engenheiro Campos Melo e Castro que era aguardado pelos A.Q.G. Drs. Leite de Castro e Fernando Panarra.

E porquê tudo isto? Que havia de extraordinário nessa linda tarde de Abril, para quase todos um dia como outro qualquer?

A Subdelegada Regional da M. P. F. Senhora D. Judith Fitas da Cunha Martins, acompanhada pela Senhora D. Fernanda Bandeira Meireles, Directora do C. E. 2 da M.P.F. e por um grupo de dedicadas e zelosas Dirigentes vinha visitar oficialmente a Casa da Mocidade que desde o seu início lhe merecera não só todo o entusiasmo e aprovação, como desvelado carinho.

Estavam também presentes algumas filiadas da M.P. F., alunas do Liceu e da Escola Comercial e Industrial.

A Senhora Subdelegada Regional foi recebida à entrada da Casa por toda a Direcção tendo-lhe sido oferecido um ramo de flores.

Depois dos cumprimentos seguiu-se uma visita a todas as salas da Casa que a Subdelegada percorreu com o maior interesse, tendo sempre uma palavra amável e gentil para acompanhar as explicações que lhe iam sendo dadas.

Às 17 e 30 horas foi servido um chá durante o qual o Subdelegado Regional e o Director da Casa agradeceram à Senhora D. Judith Fitas da Cunha Martins e dirigentes presentes a honra da sua visita e toda a colaboração que ao longo destes anos se têm dignado prestar às actividades da M.P.. A Senhora Subdelegada em palavras simples, cheias de sinceridade não só mostrou o seu reconhecimento pela recepção que lhe fora dispensada, como fez os melhores votos pelo futuro da M.P., certa de que as duas organizações congéneres haveriam de continuar sempre como até hoje a bem servir a Pátria defendendo os altos ideais da Portugalidade.

A Casa da Mocidade Portuguesa tinha vivido mais um dia de bom espírito de M. P. e na sua curta história contava com mais uma data de alto significado como é de justiça assinalar.

Nós que tivemos a dita de estar presentes conservaremos sempre a lembrança destes momentos em que nos foi dado presenciar o zelo e a inteligência dos Dirigentes da M.P.F. e M.P. da Covilhã, lado a lado trabalhando por uma juventude melhor, por um Portugal de amanhã digno continuador do Portugal de sempre.

Foi esta a grande lição que os rapazes e as raparigas da Covilhã aprenderam na Casa da Mocidade.

Duas bandeiras lado a lado, com Dirigentes e Filiados das duas organizações idênticas em fins.

Homenagem ao professor Rosa Soares

No dia 7 de Abril, os filiados deste Centro prestaram ao seu prof. Rosa Soares, uma simples mas muito sincera homenagem a que se quiseram associar a Subdelegada Regional e as filiadas do Centro n.º 1 da M.P.F.

O prof. Rosa Soares agradecendo a homenagem que lhe prestaram

Pelas 14 horas teve lugar na sala do filiado sob a presidência do Director do Centro e estando presentes a Vice-Reitora do Liceu, Directores de Ciclo, dirigentes da M. P. e M. P. F. uma breve sessão, por iniciativa do chefe da Secção cultural, A.C.C. João Manoel Oliveira Martinho.

Depois deste nosso colega ter dito das razões que ali os levaram, e do muito que o Centro deve em trabalho, dedicação, e esforço inexcedíveis ao prof. Rosa Soares, pediu ao Senhor Reitor que em nome dos filiados oferecesse ao Director do Conjunto Instrumental uma lembrança que para além do seu valor testemunhasse o apreço e amizade, em que é tido por todos.

O Sr. Dr. Abrantes da Cunha fez o elogio da obra do prof. Rosa Soares e apontou o seu exemplo como digno de ser seguido e imitado.

O prof. Rosa Soares agradeceu a homenagem de que foi alvo tendo para com os professores e alunos presentes palavras de muita gratidão.